

ÉTICA E LÓGICA DA PSICANÁLISE

Quando falamos de ética, falamos de uma prática. Daí a análise de Lacan da Crítica da Razão Prática de Kant (CPV) e do seu Imperativo Categórico, que é oposto, embora seja da mesma ordem que o sadiano. Mas esta prática kantiana já tem a sua origem numa teoria em que existe uma divisão radical entre o que seria pura razão, e portanto categorizável e universalizável, e o que permanece fora, o patológico e o desejo. É o correlato do seu sujeito transcendental conceptualmente fundamentado. Lacan, confrontado com ela, e contando com as revisões de diferentes lógicos, desde a sua Identificação do Seminário (1962), resgatará tudo o que Kant rejeita e embarcará numa nova forma de fundamento lógico-topológico do sujeito da psicanálise. A razão depois de Freud com base noutra leitura e noutra escrita. O sujeito transcendental kantiano versus o sujeito da psicanálise.

Para esta tarefa, Lacan apoiar-se-á nas objecções que outros autores, dentro da filosofia e da lógica, têm vindo a levantar à doutrina kantiana. Em primeiro lugar, e a este nível geral, Charles S. Peirce opor-se-á à diferença entre razão pura/razão prática. Para ele, qualquer tipo de inferência produzida pelos humanos deve ser considerada como razão, mesmo que tenha uma origem ilusória ou fictícia. A sua lógica partirá do Existente, em oposição ao Universal Aristotélico e ao Kantiano. Também a sua Estética (espaço e tempo), ainda baseada em esquemas kantianos, articulando o inteligível com o sensato, leva-o a propor uma geometria tópica (topologia) com o par contínuo/descontínuo, até chegar aos seus "gráficos ou esquemas existenciais". Neles Peirce desenha, sobre uma superfície plana (uma esfera perfurada), toda a lógica clássica das classes, predicados e proposições. São círculos que se articulam, num corte e adição de diferentes afirmações e silogismos. É aqui onde Lacan afirma encontrar o seu famoso oito interior, e de onde recolhe ambas as formas de escrita tópica, a kantiana - recordemos os seus esquemas do aparelho óptico - mas também a peirciana com os seus

cortes fechados. A diferença será que acrescentará cortes e colagem em superfícies topológicas fechadas, tais como o cross-cap, que vão para além da esférica/plana. Encontramo-nos assim numa continuidade/descontinuidade do significante em que serão necessários cortes sequenciais e as relações entre eles.

É neste sentido que Lacan continuará a confiar em Peirce, Boole e Frege, em oposição a Aristóteles e Kant. A lógica de Peirce é uma lógica de relações. Não entrarei em tudo o que possa ser deduzido do seu famoso círculo, amplamente discutido na sua sintaxe e semântica por Lacan, mas salientarei dois dos seus aspectos centrais nesse seminário. Para S. Peirce, qualquer predicado do tipo "Todos os traços são verticais", não são senão relações entre proposições que ligam, de formas diferentes, dois conceitos diferentes, aquele que actua como sujeito (traços) e aquele que actua como atributo ou predicado (verticalidades). Cada um deles tem de ser verificado. Esta perspectiva quebra e atomiza a suposta Unidade-Identidade das afirmações categóricas aristotélicas num duplo eixo, aquele em que agora o Sujeito e o Predicado são elementos separados, distintos e ligados entre si como quaisquer duas proposições; mas também, e como consequência do acima exposto, o do eixo da articulação transcendental do Sujeito-objecto Kantiano, na medida em que quando as proposições são sintaticamente compostas entre elas, ou encontramos anulado o conceito correspondente ao sujeito, ou o do objecto do predicado inicial. Em ambos os casos, e a nível semântico ou de extensão, é o quadrante vazio que as verifica. A nulificação. Mas também, se os juntarmos, eles contaminar-se-iam mutuamente, subtraindo a identidade. É a famosa frase "Tudo o que reluz não é ouro" da qual Lacan deduz que a sua intersecção rouba o ouro do seu esplendor e conclui que a lógica Clássico-canónica (eu acrescentaria antiga) é a lógica da Privação. Pelo caminho, a Alteridade ou função do objecto desapareceu.

Como podemos ver, estamos a falar de lugares. Lugares enunciativos nos quais a lógica e a topologia andam de mãos dadas. Ao eixo da continuidade/descontinuidade, leitura e escrita,

devemos acrescentar o da temporalidade ou das temporalidades. Ao contrário da necessidade da presença do objecto da intuição sensível, ou do espaço absoluto dentro do qual os fenómenos são produzidos de acordo com Kant. Lacan retoma, por um lado, o da reiteração que articula o desejo e a Exigência. Mas também aquele tempo de alternância e pulsação estrutural entre a dimensão significante da "representação" de um sujeito e a que cai como resto. No primeiro caso, um corte no intrínseco opera na crosta, que chamarei Booleana na medida em que obedece à dialéctica da álgebra da lógica Booleana ($a^2=a$; $+a=a$, $2a=0$), correspondendo à matemática do fantasma $\$ \Delta a$. Uma faixa Moebius e um disco bilateriano que emergem da trajectória Moebiana e onde Lacan situa este momento de indigência subjectiva na tentativa de aprisionar um significante para um outro significante, o que atira o sujeito para fora do circuito. Um circuito fantasmático que se alimenta de si mesmo, que não deixa de estar cheio de paragens e inferências intermédias e intermediárias, no qual encontramos uma estrutura reduzida e invariável, tanto geral, como no fantasma de "Ele bate numa criança", ou os de paranóia "ele odeia-me"; como também, caso a caso, onde a própria moldura pode ser limpa. É nestas fases intermédias que o sujeito muda enunciativamente e combina lugares onde a lógica e a topologia cumprem a sua função.

Não é, pois, estranho que Lacan no seu próximo seminário, *A Angústia*, nos ofereça duas matrizes de divisão, uma do Tema e outra do Outro, que, tendo os mesmos elementos, vão ser diferentes. Lugares e tempos diferentes também quando ele usa os círculos de Euler para estabelecer as suas fórmulas de alienação e separação. Depois podemos encontrar *A Lógica do Fantasma* trabalhada como dois semigrupos lógico-algebraicos (semigrupos de Klein); os tetraedros dos discursos, etc.

Mas não será até ...*Ou pire*, lugar vazio ou lugar do vazio, que Lacan fará um segundo retorno aos prosdorismos aristotélicos [categorias], com os seus correspondentes quantores. Só desta vez, e muito mais situado em tudo desenvolvido pela Lógica de Primeira Ordem e as suas

condições de verdade e extensão, ele parte da inexistência, mas também da sobredeterminação. Uma inexistência que começa com a dificuldade encontrada por Frege na contabilização da correspondência entre números, começando com zero, sendo igual e diferente de si mesma, subsumiria o número zero. Mas é também o movimento que arrasta consigo essa impossibilidade na série. Zero, um e dois, impossível de apanhar. Sem dúvida que esta será uma das formas de fundamentar o *Non rapport sexuel* e as suas fórmulas de sexuação, mas Lacan utilizará mais algumas fórmulas lógico-matemáticas: O triângulo de Pascal, os transfinitos de Cantor, essa diferença subtil entre o não-isso e o não-isso; a articulação entre a necessidade de partir de um discurso e o seu "fora do discurso", e aquele jogo entre o intrínseco/extrínseco dos sistemas lógicos, que ele também partilha com a topologia e que Lacan irá articular na combinatória entre os nós (extrínsecos) e as superfícies fechadas (intrínsecos) nos seus últimos seminários.

Em conclusão, esta panorâmica muito breve de Lacan é apenas um apelo a dar razões, que, sendo *matemas*, nos permitem partilhar com outras disciplinas, mas também a dar razões para as respostas que são sempre antecipadas nos tempos de mudança em que vivemos.